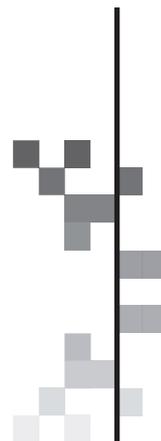


# Horizontes e dimensões do atual fenômeno migratório internacional



Horizon and dimensions of the current international migratory phenomenon

Federica Bertagna<sup>1</sup>  
federicabertagna@gmail.com  
João Carlos Tedesco<sup>2</sup>  
jctedesco@upf.br

## Resumo

*O fenômeno das migrações internacionais revela uma dinâmica expressiva do mundo atual principalmente em seus âmbitos econômicos, políticos e culturais. O estudo analisa alguns desses aspectos tendo como pano de fundo a realidade observada na Itália. A intenção é demonstrar aspectos de sua dinâmica, sua performance e suas implicações socio-étnicas.*

*Palavras-chave: imigração, trabalho, etnia.*

## Abstract

*The phenomenon of the international migrations reveals an expressive dynamics of the current world mainly in its economic, cultural and political scopes. The study analyzes some of these aspects based on the reality observed in Italy. The intention is to demonstrate aspects of its dynamics, implications and socio-ethnic performance.*

*Key words: immigration, work, ethnic.*

<sup>1</sup> Professora da Universidade de Verona; doutora em História.  
<sup>2</sup> Professor do Programa de Mestrado em História da Universidade de Passo Fundo. Doutor em Ciências Sociais.

## Introdução

Sabemos que os fenômenos migratórios são processos históricos que transcendem o tempo, o espaço e as fronteiras em suas várias dimensões; produzem outros tempos, outros espaços e outras fronteiras; são realidades governadas não só pela oferta e demanda, mas são fenômenos sociais, históricos, culturais, identitários e antropológicos. Desse modo, há uma infinidade de razões e intencionalidade individuais, estruturais, econômicas e políticas que definem, delimitam e promovem o processo migratório, sem, também, nunca esquecer os cenários específicos, o rural e o urbano, o interior de cada país ou outros confins culturais, tanto de saída quanto de destino.

Há horizontes do campo simbólico e das representações sociais sobre a vida no estrangeiro que não poderão ser negligenciadas e que foram sendo produzidas por várias esferas, em especial a midiática. Imagens, imaginários, símbolos, rótulos e desejos vão sendo produzidos pelo mundo globalizado tanto no sentido de atração quanto de resistência à inserção migratória e de imigrantes. Isso se reflete nos fluxos, na tentativa de seleção dos mesmos.

Não há dúvida de que elementos materiais são o carro-chefe de uma decisão de emigrar. Passagem de uma situação à outra com intenção de melhorar a qualidade de vida, talvez, instrumentalizada pelas questões de moradia, profissão para si e/ou filhos, segurança econômica, ser empreendedor e adquirir posses passam a legitimar subjetivamente decisões migratórias.

A migração movimenta esse desejo e o migrante o procura com todas as forças possíveis, sujeitando-se muitas vezes a um cenário oposto do projetado para si no futuro (exploração e precarização no trabalho, condições precárias de vida, lazer e sociabilidade, discriminação, ausência de reconhecimento humano, social e cultural).

Evidenciam-se discussões no sentido de mostrar que as migrações internacionais não possuem só o lado instrumental, principalmente econômico e expresso nas formas de trabalho; as dimensões culturais, sociais e antropológicas *caminham* juntas no processo e não podem ser descuidadas. O migrante se desloca de um local para outro; desloca seus ritos, tradições e valores, é pressionado a incorporar os de outros. Essa dupla identidade constitui a figura sócio-cultural do estrangeiro.

Enfim, são alguns desses processos que, sinteticamente, queremos imprimir nesse texto dando prioridade a alguns aspectos da realidade de imigrantes na Itália e em especial na região do Vêneto. A imigração na Itália ganha contornos interessantes tanto pela repercussão que causa em razão de políticas de controle de fluxos, de identidade étnica e por ser, também, um país que historicamente foi de emigração e que, nas últimas duas décadas, transformou-se num de maior intensidade de fluxos.

O caso de brasileiros no país, ainda que o número não seja tão expressivo se comparado com outras nacionalidades e os dados sejam discrepantes (em torno de 45 mil pelos dados oficiais da Itália e, em torno de 160 mil pelos dados do Ministério de Relações

Exteriores do Brasil), revela contornos também diferenciados em razão de aspectos ligados a dupla-cidadania, a políticas de *retorno*, a acordos intergovernamentais, etc.

## Aspectos do fenômeno migratório internacional atual

Diz Martine (2005) que, enquanto o capital financeiro e o comércio fluem livremente, a mão-de-obra se move a conta-gotas. O número de fluxos, sem dúvida, é alto, mas em comparação com a dinâmica econômica, ainda é reduzido; de 1960 a 2000, o número de pessoas que residiam num país diferente do de nascimento passou 76 para 175 milhões; em 2006, esse dado atingiu os 200 milhões, soma que abarca o todo da população italiana, francesa e alemã; 64 milhões estão na Europa, 53 milhões na Ásia, 44 milhões nos EUA, 17 milhões na África, 6 milhões na América Latina e 5 milhões na Oceania. Os países mais ricos passaram de 35 milhões imigrantes em 1960, para 120 milhões em 2005, triplicando a cota de estrangeiros (Muscarà, 2007).

No caso da Europa, os dados indicam fenômenos migratórios concentrados em alguns dos grandes países: 12 milhões na Rússia, 10 milhões na Alemanha, 6,4 milhões na França, 5,4 milhões no Reino Unido, 4,8 na Espanha, 3,5 milhões na Itália; nos países da Europa Ocidental há 3,3 milhões da ex-Iugoslávia, 2,8 milhões de Turcos, 1,2 milhão de Marroquinos e 0,7 milhão de argelinos (Dossier Statistico, 2007).

Dos seis bilhões e meio de população mundial em 2005, a ONU estima que existem 191 milhões de imigrantes, dos quais 115 milhões (61%) nos países mais ricos, o restante nos países "em desenvolvimento". A Europa incorpora 34% desse fluxo e a Ásia 28% (Dossier Statistico, 2006).

Os Estados Unidos já absorveram em torno de 15 milhões de latino-americanos, sendo que a imigração nesse país atinge, somando os da primeira geração, em mais de 50 milhões (Bonincontro, 2008). Os hispânicos representam mais da metade dos estrangeiros nesse país; no Canadá, há mais de 6 milhões de residentes que nasceram no exterior.

A Alemanha recebe de 350 a 400 mil imigrantes por ano. Os países europeus precisariam de pelo menos de 3,23 milhões de imigrantes anuais entre 2000 e 2050 para manter o tamanho de sua população em idades de 15-64 anos nos níveis de 1995; para o Japão, a emigração necessária seria de 647 mil pessoas ao ano e para os EUA 359 mil. Para a Espanha manter o equilíbrio demográfico atual necessitaria, até 2030, em torno de 12 milhões de imigrantes (Zero Hora, 2008a, p. 17).

Acredita-se que em torno de 11,5 milhões de imigrantes nos EUA sejam clandestinos, a metade desses provenientes do México. Estima-se que, por ano, entram no país em torno de 500 a 700 mil imigrantes ilegais, 7,5 milhões nos últimos dez anos. Em torno de 400 mexicanos morrem por ano tentando atravessar os confins com o país vizinho do norte (Muscarà, 2007).

Na Europa, estima-se que haja 8 milhões de ilegais; projeta-se que cresçam num ritmo de 50 mil por ano. Na Itália,

estima-se a existência de em torno 800 mil, 570 mil na Inglaterra, 500 mil na Alemanha, 300 mil na França. Em torno de 2 mil africanos morrem por ano tentando atravessar o Mediterrâneo para a Europa. As deportações fazem parte da ordem do dia de países hospedeiros. A Espanha, por exemplo, em 2007, deportou em torno de 70 mil, desses, em torno de cinco mil eram brasileiros (*Zero Hora*, 2008b, p. 23).

O tráfico sexual e o trabalho escravo de imigrantes são condenados publicamente quase que todo o dia na imprensa escrita, junto a movimentos e instituições que atuam com os imigrantes tanto no país hospedeiro quanto no de origem. A BBC de Londres (*in* NIEM, 2007), coloca que mais de um milhão de mulheres trabalham como escravas sexuais para redes internacionais de tráfico de pessoas (dados da OIT) e são vítimas de um negócio que fatura US\$ 32 bilhões por ano no mundo, muitas são atraídas com promessas de casamento e melhores oportunidades de vida, mas, em geral, acabam nas mãos de aliciadores em cativeiros na Ásia e na Europa, onde são forçadas a se prostituir. A mesma fonte coloca a dificuldade de mensurar dados sobre prostituição.

A mesma fonte acima estima que só em Portugal haja cerca de quatro mil brasileiras que atuam como prostitutas e que as rotas de tráfico do Brasil levam, principalmente, à Espanha, mas também à Holanda, Itália, Suíça, Alemanha, França e Estados Unidos. Mais da metade dos US\$ 32 bilhões faturados pelo tráfico internacional de pessoas se dá nos países industrializados. Em muitos casos, a vítima de tráfico é punida duas vezes, porque é logo deportada como imigrante ilegal.

Nos jornais de maior abrangência do Brasil, nos últimos três anos e com maior intensidade nesses primeiros meses de 2008, há uma infinidade de casos relatados de imigrantes brasileiros que são inadmitidos e/ou deportados em países da Europa e nos Estados Unidos.

Em março de 2008, a União Européia mandou de volta mais de 600 brasileiros, a Espanha contribuiu com mais de 400, uma espécie de espécie de pente-fino nos aeroportos do continente, fundamentado em argumentos que vão desde a falta do seguro de saúde ou da quantia em dinheiro exigida até uma simples desconfiança, tatuagem na pele, forma de vestimenta etc., mesmo que sem provas, de que o brasileiro esteja viajando com o intuito de trabalhar ilegalmente. "Eles conferiram o dinheiro, a identidade, mas resolveram me segurar porque muitos brasileiros estavam indo ao país para se prostituir ou trabalhar ilegalmente. Não discordo de haver esse controle, mas achei ruim o fato de eu estar com tudo em ordem e ser discriminada" diz a analista de sistemas Cristiane de Freitas, 23 anos, de São Bernardo (*Diário da Grande ABC*, 2008).

O jornal *Zero Hora* de Porto Alegre (2008a) dá ênfase aos mais de 50 barrados no aeroporto de Madri do dia anterior. "Fomos tratados praticamente como animais, sem saber por que estava acontecendo aquilo com a gente, fiz a pergunta 'porque vocês nos tratam como cachorros'? A resposta que obtive é que 'vocês são mesmo cachorros!'. O mesmo problema se evidencia com vários outros países. O caso da Espanha veio agora à tona, porém revela uma dinâmica comum, cotidiana de imigrantes em vários países.

A Itália é uma expressão disso, Portugal também o é, sem falar dos Estados Unidos que, após o 11 de setembro resolveu fazer um *ajuste de contas* com os imigrantes já inseridos e milhares de outros pretendentes que chegam aos seus aeroportos.

## Respostas locais a um processo global

Autores colocam que as diásporas internacionais podem ser consideradas fruto das disparidades econômicas e oportunidades variadas de renda entre países; aspectos políticos também têm sua contribuição, assim como redes de parentela, agrupamentos familiares, crescente envelhecimento da população da Europa, elevadas taxas de fertilidade na África e América Latina.

Além dessas causas, não se pode esquecer as grandes levas de refugiados. Há mais de 10 milhões de refugiados internacionais, metade dos quais são menores, muitos desses de países do Oriente Médio que se encontram na Europa e na América do Norte. Em média, duas mil pessoas transitam de uma fronteira a outra como refugiados por dia. Em 2005, só do conflito com o Afeganistão produziu 2,2 milhões de refugiados (Muscarà, 2007).

Centenas de milhares de imigrantes são sazonais. Esses quase não aparecem nas cifras oficiais; muitos retornam ao país de origem ao término da sazonalidade e/ou dos contratos de trabalho; porém muitos permanecem como indocumentados. Países como Japão, EUA, Alemanha e mesmo a Itália demonstraram isso. Nos EUA, por exemplo, em torno de 980 mil migram para trabalhos sazonais por ano (Bacci, 2007).

Os governos da Europa e dos EUA supervalorizam a possibilidade de controlar os fluxos. A Itália é o paradigma do epicentro do declínio geopolítico, demográfico e econômico europeu, perdeu população, economia e, sem os imigrantes, baixaria ainda mais. Roma e Milão são os grandes epicentros, há um estrangeiro para cada cinco habitantes (Dossier Statístico, 2007).

A quantidade de dinheiro enviada por emigrantes latino-americanos e caribenhos para suas famílias aumentou em 139% nos últimos cinco anos, passando de US\$ 23 bilhões em 2001 para US\$ 55 bilhões em 2005 (dados do BID) (Patarra, 2006). Os emigrantes brasileiros teriam enviado quantias próximas a 6 bilhões de dólares em 2004 e 7,4 bilhões de dólares em 2006. Em certos países da América Central, as remessas já superam o valor das exportações; no México, as remessas são quase tão valiosas no PIB (10%) quanto a importante indústria do turismo; no Brasil, as remessas já superam o valor da exportação de soja, que é um dos principais produtos do agronegócio.

De acordo com o jornal *Financial Times* (*in* NIEM, 2007), na América Latina, as remessas de brasileiros só ficam atrás do volume enviado por mexicanos (US\$ 23 bilhões). Colombianos enviaram à terra natal US\$ 4 bilhões em 2006, disse o jornal. Juntos, diz a matéria, os três países, respondem por mais da metade dos US\$ 62,3 bilhões enviados por imigrantes latino-americanos e caribenhos em 2006 – um aumento de 15% em relação ao ano anterior. Em alguns países, elas correspondem a

até 10% do Produto Interno Bruto (PIB). Um porta-voz do BID disse ao repórter do FT que, sem elas, entre oito a dez milhões de famílias latino-americanas estariam abaixo da linha pobreza. Dados do relatório citados pelo FT indicam que dois terços das remessas de sul-americanos se originam nos Estados Unidos. A Europa, sobretudo Espanha, Portugal, Itália e Grã-Bretanha, são a origem de 15% do volume (NIEM, 2007).

De uma forma geral, as remessas contribuem para a redução da pobreza nos países de origem. O Haiti, por exemplo, já alcançou com as remessas a cifra de 25% do PIB. Essas transferências financeiras são vistas como *contribuição* dos países ricos aos de origem, o que imprime às políticas migratórias o caráter de políticas assistenciais (Patarra, 2006).

A emigração converteu-se em um projeto de vida. Havia 8,4 milhões de migrantes da América Latina e do Caribe residentes nos EUA em 1990; esse número aumentou para 15 milhões no ano de 2000. A população total de imigrantes teria subido de 30 para 37 milhões entre 2000 e 2006. Desse aumento, estima-se que pelo menos a metade seria de imigrantes ilegais ou indocumentados (Castillio, 2003). O Ministério de Relações Exteriores do Brasil informou em 2004 que 2,5 milhões de brasileiros haviam emigrado, fato que começou a ganhar manchetes, mobilizar governos e causar impactos sociais e jurídicos em torno do tema. A mesma instituição, para 2007, afirma que esse número já foi acrescido com mais de meio milhão.

Estima-se que, na Itália, haja mais de meio milhão de clandestinos, 64% são *overstayers* – pessoas que entram regularmente e, com o tempo se tornam sem permissão de permanência, 23% entram escondidos pelas fronteiras, 13% desembarcam nas costas marítimas. As regiões dos Balcãs e da África do Norte são expressivas.

A imagem dos estrangeiros no país permanece ambígua: 43,2% os vêem como ameaça, 46,4% útil para abrir o país ao mundo, 41% consideram-nos um recurso para a economia (Caritas – Roma, 2007, p. 778-790). Existe um nexo muito grande entre clandestinidade, "guetecização", criminalidade, pois quase todos os presos são irregulares, em geral fruto do desemprego, da informalidade, do tráfico e das máfias étnicas.

Ao que nos parece, um contingente muito grande de pessoas não pode circular por esse mundo globalizado, ou porque não tem dinheiro, ou porque tem apenas um pouco de dinheiro e são provenientes de alguns países não selecionados ou desejados no espaço hospedeiro, ou porque possuem certa cor de pele ou porque são adeptos a determinadas ideologias ou vínculos religiosos etc. Mercadorias têm mais facilidade de circulação, os soldados americanos também!

Poletto (2006) demonstra que há, em nível internacional, nos países de maior fluxo de imigrantes, inúmeros movimentos sociais, migrantes em movimento contra a exclusão: movimento pelo direito de livre circulação mundial das pessoas – livre migração; movimento contra a violência nas fronteiras/costas no interior dos países; movimento no 1º de maio nas ruas, centenas de milhares deixaram de trabalhar e foram para as ruas para lutar contra uma lei que colocaria os imigrantes na condição de terroristas estrangeiros. Na França, por exemplo, sem o direito dos

demaís autóctones, a vida em guetos na periferia, a situação de desempregados, a tentativa de aprovar uma lei que desregulamentava o trabalho dos jovens nos dois primeiros anos de emprego, dentre outras, fez desencadear inúmeras manifestações e lutas sociais dos imigrantes.

Segundo Stella (2002), esses movimentos revelam a necessidade de haver compromissos internacionais em prol da ampliação e da efetivação dos direitos humanos dos imigrantes, de reconhecer que os movimentos migratórios internacionais representam a contradição entre os interesses dos grupos dominantes na globalização e os estados nacionais com a tradicional ótica de sua soberania; de considerar que os movimentos migratórios constituem a contrapartida da reestruturação territorial planetária intrinsecamente relacionada à reestruturação econômica produtiva em escala global.

Há, nos países hospedeiros, em especial na Itália, uma certa cultura do *menefreghismo*, "do não estou nem aí", ou no limite máximo, tolerante, que varia de região para região. Mesmo assim, há uma difusão da inquietude como forma de defender-se, reconstituindo divisões antigas entre estrangeiros e/ou de fora, extra-comunitários, os *outsiders* (Bordignon e Ceccarini, 2007).

Sentimentos em torno do medo aumentaram em muito nos países de destino, o sensacionalismo fez aumentar a violência e o medo, reduzem-se os contatos com e dos imigrantes. A categoria de extracomunitário auxilia nesse processo, faz associações de pessoas com países, em geral, empobrecidos, com imigrantes irregulares, com perigo religioso, prostituição etc. Disso ganham corpo os prejulgamentos, ideologias consideradas perigosas, simplificações, justificacionismo de medidas de segurança (fornecimento de respostas locais a uma questão global).

Na Itália, a Lega Nord é protagonista e vanguarda de inúmeras dessas dimensões, ainda que paradoxal e falaciosamente, pois onde governa, favorece a inserção dos imigrantes entre empresas, no associacionismo católico e laico. Nessas últimas eleições em que Berlusconi obteve novamente vitória, o discurso da Lega no norte do país foi muito em torno do "problema migratório" e obteve grande aumento na adesão política tanto é que se tornou um dos partidos de maior absorção de votos no pleito. A mesma busca imprimir a idéia, em troca do mercado eleitoral, de que mais imigrantes, mais medo, mais intolerância, menos integração; dimensionam o Vêneto e a Lombardia como exemplo de dedicação ao trabalho e, esse, como indicador de dimensão humana e qualificativo para a cidadania social. "Precisa-se trabalhar não oito horas, ou sete ou dez horas, mas praticamente sempre, quem sabe com pausa, mas com continuação e sem horário, mais ou menos quando nasce o sol até a noite" (Lega Nord, 2006, p. 6). Pela mediação do trabalho, as pessoas são aceitas e reconhecidas.

Segundo Diamanti (1993), para vênets tradicionais, alinhados com a Lega, a família é um horizonte de trabalho e de integração. As pequenas empresas, as dimensões locais das mesmas e os horizontes culturais de identificação com grupos migratórios, as redes comunitárias e assistenciais promovidas pela Igreja e as famílias são grandes fatores de integração dos imigrantes. Isso ainda favorece o sucesso da própria Lega. Desse

modo, tanto a Lega quanto os imigrantes são alimentados pelos mesmos fatores desse modelo socioeconômico, demográfico e cultural (centralidade do trabalho). A Lega alimenta o alarmismo em confronto com a imigração como fonte de insegurança, prega estratégias de defesa, aumenta a opinião de que os imigrantes são um problema para a ordem pública.

A emigração é compreendida como uma ameaça transnacional que não pode ser resolvida da forma tradicional, como agenda de segurança, militarização de fronteira, como muro erguido contra os pobres. A consolidação de um espaço de segurança regido por determinadas regras onde os indivíduos têm determinados direitos reconhecidos parece caminhar de mãos dadas com a estigmatização de determinados países e pessoas como ameaças, o que justificaria a limitação de suas liberdades e seus direitos.

Olhando sob outro viés, Martine (2005) coloca que há inúmeras vantagens para os migrantes e os seus lugares de origem: as remessas (a cada ano os migrantes enviam o equivalente a 100 bilhões de dólares), a mobilidade social, a aprendizagem de idéias, hábitos e valores que ajudam a apressar a modernização do seu país de origem podem propiciar alívio de tensões sociais. Nos lugares de destino, os migrantes ajudam a melhorar a qualidade de vida e barateiam seu custo no lugar de destino, revitalizam sociedades envelhecidas, recebem gratuitamente uma grande quantidade de recursos humanos qualificados cujos custos foram internalizados por outros, ajudam a reduzir a inflação e aumentar a produtividade, expandem a base de consumidores e de contribuintes. Os emigrantes aliviam a escassez de mão-de-obra em setores essenciais (agricultura, pesca, construção civil, por exemplo) nos quais os nativos não querem trabalhar (cuidar de idosos por exemplo).

No entanto, o autor acima é claro ao afirmar que, apesar de necessários, os migrantes são vistos como indesejados. A rejeição é exacerbada nos movimentos envolvendo pessoas de etnia, idioma, religião e/ou aparência marcadamente diferente dos habitantes de lugar de destino.

Contra a incontrolável maré invasora que vem de fora, esse lado invoca a vontade política de fechamentos das comportas. O afeto protecionista volta-se do mesmo modo contra os traficantes de armas e de drogas que põem em perigo a segurança interna, bem como contra o transbordamento de informação, contra o capital estrangeiro, contra os imigrantes em busca de trabalho e contra as ondas de fugitivos que supostamente destroem a cultura local e o nível de vida (Habermas, 2001).

## Aspectos que envolve a imigração de brasileiros para a Itália

A Itália, que é o nosso foco principal de pesquisa, já incorpora mais de 3 milhões e meio de imigrantes, 6,2% da população do país, acrescentando-se os irregulares, atinge-se 7%; e estima-se um total de sete milhões de imigrantes em 2020. Projeta-se que o país terá, em 2015, o maior número de imigrantes entre os eu-

ropeus de maior fluxo. Como muitos países da Europa Meridional, a Itália foi, por muitos decênios, um país de emigração. Somente em meados da década de 1970 é que se fechou o último capítulo da sua secular história migratória. Em 1973, apareceu o primeiro índice positivo de migrações no país, ou seja, pela primeira vez, desde 1876, o país registra um índice de imigração maior do que o de emigração; que, aos poucos, vai se reduzindo progressivamente. Em 100 anos, cerca de 28 milhões de italianos eram imigrantes na Europa, na África, na América e na Austrália; muitos desses (quase a metade), após um tempo como emigrante, retornou ao país de origem (Tedesco, 2006).

Por volta dos anos 1980, a Itália começa a se dar conta da problemática da imigração para seu país. Porém, foi nos anos 1990 que se verificou um intenso crescimento da presença estrangeira (Bertagna e Clayton, 2007). Não é por nada que é no início dos anos 1990 que o país terá uma primeira tentativa de regularização do fenômeno migratório principalmente no sentido de impedir o ingresso de clandestinos (Einaudi, 2007). Na realidade, é a partir daí que se verifica um aumento do ritmo cada vez mais intenso de imigração. Se no ano de 2000 os imigrantes regulares já atingiam cerca de 1.300.000, no final de 2006, já haviam atingido 3.690.052 (Bonincontro, 2008), com um aumento de 21,6% em relação ao ano precedente, atingindo um percentual de 6,2% sobre o total da população, sendo que a média Européia é de 5,6% (Caritas - Roma, 2007).

Ainda que muitos estudiosos analisem e estipulem que a Itália continua sendo um país de emigração (por volta de 50.000 ao ano) e que, em certas regiões, como no sul do país, a taxa de emigração se mantém alta, a transição migratória da Itália como um país de emigração para um de imigração é já um fato consumado (Sanfilippo, 2003). A Itália é, atualmente, em nível de Europa, o terceiro país em número de estrangeiros (Zincione, 2006); é um país em que a imigração possui uma das maiores taxas de crescimento, só perdendo para a Espanha.

De certa forma, todas as regiões italianas estão envolvidas no fenômeno migratório, porém, em algumas, o processo se desenvolve mais intensamente. No norte, por exemplo (Vale d'Aosta, Piemonte, Lombardia, Liguria, Veneto, Trentino Alto Adige, Friuli Venezia Giulia, Emilia Romagna), concentram-se em torno de 2.200.000 estrangeiros. Nas regiões do centro (Toscana, Marche, Umbria, Lazio) residem 983.442 e tão somente em torno de 500.000 no sul e nas Ilhas (Abruzzo, Campania, Molise, Basilicata, Puglia, Calabria, Sicilia, Sardegna).

No Vêneto, por exemplo, que é nosso espaço de estudos, havia, no final de 2006, 398.009 estrangeiros registrados, totalizando em torno de 8,3% da população regional, estando, portanto, acima da média nacional (de 6,2%) (Caritas - Roma, 2007). Em termos geográficos de origem, em cada dez imigrantes, cinco descendem de países europeus, 4 da África e um da Ásia e América. No Vêneto, segundo os dados de 2006, os imigrantes europeus são 153.000, os africanos, 81.000, os asiáticos, 45.000 e os americanos, 14.000. As comunidades mais numerosas são por ordem o Marrocos, a Romênia, a Albânia e a Sérvia (Farah e Righetti, 2008).

No caso específico de Verona, de uma população de 260.718 pessoas, os estrangeiros regulares até final de 2006 eram 25.802 (9,9% sobre os residentes em geral e também acima da média provincial que é de 8,23%, totalizando 65.579 pessoas). Verona está em primeiro lugar entre as comunas do Vêneto em termos de número de presença de estrangeiros e, entre as capitais de província, está em terceiro lugar (atrás de Vicenza e Treviso). A primeira comunidade estrangeira na cidade é a do Sri Lanka (um em cada cinco), os romenos estão em segundo (13,7% do total dos estrangeiros) e os marroquinos, em terceiro (6,8%) (*Annuario Statistico*, 2006). A comunidade brasileira em Verona estava no nono lugar no final de 2006, com 1031 pessoas, com uma pequena prevalência de mulheres em relação aos homens (549 contra 482) e em primeiro lugar em relação aos imigrantes da América Latina.

## A ideologia do pertencer e a hospitalidade pragmática

O imigrante, quase sempre tratado como mercadoria pelas várias expressões do capital, encontra barreiras que se fecham e se abrem em razão de conveniências e interesses.

Há um conjunto em rede, muitíssimo bem articulado, que produz a *indústria* das imigrações, facilitando entradas, um comércio paralelo internacional muito lucrativo, escondido atrás de agências de viagens, de ofícios que falsificam documentos e de moradias provisórias, que são invisíveis aos olhos dos consulados, aliás, esses percebem os imigrantes, principalmente os ilegais, com desconfiança, desprezo, com olhar discriminatório, como sujeitos sem direitos e sem assistência (Ramos, 2003).

Há uma contracorrente emigratória de *oriundi* em direção a locais onde possivelmente ainda residem parentes e onde há a possibilidade de formação de uma rede de apoio que auxilie a inserção e a permanência ainda que temporária (o caso da emigração brasileira pós anos 1980 e o da Argentina pós anos 2000 atestam isso).

Como a dupla cidadania é obtida a partir de alguns requisitos jurídicos, ganha conotação burocrática sem tanta ligação e integração com o país que não é mais hospedeiro (juridicamente, o duplo cidadão é também membro); é uma espécie de pertencimento formal do âmbito nacional. No fundo, o que se apresenta é uma cidadania de reserva, é um *familismo legal*, de distantes raízes, as quais não garantem uma persistente integração cultural e política e, também, não se exige isso para sua efetivação jurídica (Zincone, 2006). Ou seja, não há projetos de envolvimento cultural de sentimento de pertença, uma comum identidade; é apenas uma oportunidade instrumental para o mundo do trabalho, para passagem para outros países de mercado de trabalho mais promissor (EUA, Inglaterra e Espanha, por exemplo).

Essa dimensão do *retorno* dos *oriundi* é um *retorno* dos que nunca foram/estiveram; são contextos de expressão distinta; ainda que imigrantes sejam descendentes, seus horizontes culturais e espaciais são diversos. Como diz Kawamura (2003), esses *oriundi*

acabam sendo uma população que atende às necessidades raciais e ideológicas de esfera política, das demandas do mercado de trabalho como força barata, não qualificada e, de certa forma, controlada.

A etnicidade serve à re-racialização das diferenças, sendo apenas outro nome mais socialmente aceitável para a atribuição de qualidades substantivas e imutáveis aos qualificados. A etnicização conduz a um encarceramento do imigrante em uma identidade oficialmente chancelada pelas políticas governamentais, resultando num obscurecimento da diversidade interna das populações imigrantes; cria estoques de diferenças e que devem se adequar às classificações (gestão da diferença, assimilação-italianidade, multiculturalismo) (Machado, 2006).

O pertencer pode se dar pela simples identificação identitária, cultural e imaginária, ao mesmo tempo, desenvolve uma concepção de tempos que se entrecruzam. Acreditamos, porém, que há sempre interação de uma *situação de contemporaneidade* que, no caso em análise, é expressa pelo fato de ser descendente de italiano, falar o dialeto, enfrentar os mesmos desafios culturais e físicos, "migrar sem nada", "trouxemos de lá muito do que temos aqui", ou insistir em falar no genérico "cultura italiana" em vez de "cultura de descendentes de italianos no Brasil". É por isso que sentir-se *pertencendo* carrega uma simbologia que une indivíduo a uma totalidade histórico-cultural e temporal.

## Dimensões de uma realidade problemática de emigrantes

O inédito na realidade atual brasileira é que o país está se tornando um viveiro de emigrantes. Dados atuais estimam que em torno de 3,5 milhões de brasileiros estão fora de seu local de nascimento e de seus maiores vínculos familiares. Em torno de 600 mil vivem na Europa, 1 milhão e 600 mil nos EUA, 210 mil no Japão, 550 mil no Paraguai. Em 2004, o Ministério de Relações Exteriores do Brasil declarou que 2,5 milhões de brasileiros haviam emigrado. Apenas para se ter uma idéia, na chamada "década perdida" (1980-1990), o Brasil experimentou uma saída de 1 milhão e 800 mil pessoas por meio dos fluxos internacionais: 1.050 mil homens e 750 mil mulheres (*idem*).

Há um significado político e cultural que se altera e chama a atenção no país devido ao fato de o mesmo ter sido, até então, uma nação acostumada a se pensar e ser vista como terra de oportunidades para outros, formada com a intensa contribuição do trabalho estrangeiro, mas, nos últimos anos, esse vetor vem se alterando; de um país de emigração a um país de *expulsão*.

O caso italiano, para emigrantes brasileiros, pode ser considerado bastante recente, principalmente em termos de impacto, de opção de imigrantes pelo país e por identificar certas características de correspondência étnico-cultural, incentivadas, em grande parte, pelo país de origem em razão de algumas leis e políticas deliberadas para *transfonteirizar* determinados grupos regionais como é o caso de vênnetos, trentinos e lombardos.

As informações sintetizadas e esquematizadas expressam aspectos de uma pesquisa de campo que efetuamos em janeiro

e fevereiro de 2008 na região do Vêneto, norte e nordeste do país. São fruto de 268 questionários recebidos e de contatos pessoais, entrevistas e outras formas qualitativas de apreensão de realidades vividas.

A maioria dos entrevistados, 72%, é proveniente de regiões do Centro-sul do Brasil com idade média girando em torno de 27 a 35 anos, com preponderância ao redor de 28 anos (26 para as mulheres, 29 para os homens); 73% trabalhavam como assalariados no Brasil, outros atuavam com a família tanto no espaço urbano quanto no rural em atividades variadas e em formas variadas, inclusive dentro da própria família. O grau de instrução média (segundo grau) é o que prepondera com 81% dos casos; apenas 12 informantes tinham grau superior completo, outros não informaram seu grau de instrução.

A grande maioria se declarou solteira; 9% declaram-se divorciados, 23%, casados, porém apenas 11 casos migraram com a família do Brasil; pouquíssimos filhos nasceram na Itália (apenas 6 de quatro famílias); 100% alugam a sua atual residência; julgam, em geral, possuírem um razoável enraizamento nos territórios de destino, porém fazem muitas ressalvas no tocante aos processos de integração, aceitação, concepção acerca de serem brasileiros; muitos são *oriundi* e discordam com veemência das políticas restritivas de inserção em espaços fundamentais para permanência (aluguel, trabalho regular e com regularidade etc.).

A grande maioria (92%) não havia ainda viajado para outro país; 82% emigraram sozinhos, porém 63% desses já possuíam conhecidos, parentes e/ou amigos emigrados; 12% foram amparados por redes de intercâmbio, *gemellaggios* ou outras formas de seleção anterior à emigração. Grande parte dos emigrados provém de algumas cidades do Paraná (Pato Branco, Francisco Beltrão, Cascavel e Dois Vizinhos), alguns de Santa Catarina (Criciúma, Blumenau, Luzerna, Treze Tílias, Joaçaba e Água Doce, essa última principalmente), do Rio Grande do Sul (Caxias do Sul, Veranópolis, Porto Alegre), alguns do Espírito Santo e do interior de São Paulo. Porém, há imigrantes de diversas partes do Brasil. As redes formais e informais se constituem com mais intensidade nas cidades de Pato Branco, Cascavel, Criciúma, Água Doce e Caxias do Sul.

Há, em meio aos brasileiros, certas diferenciações em termos de concepção e simbologia pública no universo de inserção no trabalho bem como em sua correspondência com as diferenciações entre os imigrantes brasileiros em seu interior. Alguém que trabalha na agricultura, seja em atividades agrícolas ou não (aviários, leiterias, montagem de infra-estrutura etc.) é visto como "colono", como alguém que ainda não "arrumou coisa melhor", como solução ao problema da repressão e vigilância pública e policial sobre os irregulares, como alguém que não sabe fazer "outra coisa melhor". Há uma diferenciação entre os imigrantes do próprio país. Entre brasileiros há os descendentes (*oriundi*), os de dupla cidadania, há os irregulares, os que estão aguardando os processos de regularização, há os irregulares, há negros e brancos, há gaúchos, cariocas, baianos..., os quais carregam para dentro do país hospedeiro estereótipos e imagens produzidas no país e local de origem.

Essa realidade não se dá num vazio de relações sociais; produz práticas seletivas no espaço de trabalho, no local de mo-

radia, nas formas de remuneração, nas indicações e prioridades para trabalhos, etc. Por isso, quando falarmos em imigrantes brasileiros na Itália, é bom que tenhamos sempre presente esse cenário de diferenciação. Estigmas, estereótipos e preconceitos se *mobilizam* também na construção da consciência do emigrante ao deixar sua terra de origem.

As redes variadas (formais e também informais) que se constituem, os níveis de integração, as poucas perspectivas no país de origem etc. vão alterando a decisão do tempo de permanência na Itália. O dito *ricongiungimento* familiar (possibilidade que a lei Bossi-Fini de 2002 apresenta de permitir, a partir de alguns requisitos, a junção/reagrupamento de membros da família ao já existente) tende a fazer com que o desejo de permanecer por mais tempo aconteça. Encontramos vários entrevistados que nos disseram que estão seriamente "pensando agora que trouxemos praticamente toda a família aqui de fazer nossa vida definitiva por aqui".

O setor da construção civil, da agricultura, dos restaurantes e das atividades domésticas (limpeza e cuidados de saúde e de criança) são os espaços por excelência dos brasileiros. Para as mulheres, 79% informaram que estão em atividades domésticas (famílias e/ou em instituições de apoio social aos idosos e portadores de necessidades especiais), seja em limpeza e/ou cuidando de idosos em suas casas. Em sete casos as imigrantes trabalham em restaurantes em atividades de limpeza em geral. Constatamos que a grande maioria não reside no espaço de trabalho e também não o deseja fazer em razão da falta de liberdade e da difícil convivência em geral; a grande maioria faz serviços em dias intercalados e em várias famílias.

Na indústria, a demanda por trabalho é grande, conseqüentemente, a colocação de imigrantes regulares também. O problema é que, comumente, esses trabalhos são mediados por cooperativas que absorvem grande parte da renda obtida pelo trabalhador. Vimos que realmente o papel mediador das cooperativas é fundamental. Um imigrante nos disse que "sem se vincular a essas, não se arruma grande coisa, tudo passa pelas cooperativas". O salário nas indústrias é bem mais baixo do que na construção civil, nos restaurantes etc. Desse modo, não é demandado por muitos brasileiros ("só em último caso"), pois preferem outros espaços ainda que esse, em termos de estabilidade, é o que permite maior segurança e continuidade na atividade.

Os imigrantes brasileiros que conhecemos e que trabalham na agricultura, em grande parte, se caracterizam pela regularidade das atividades setoriais. No entanto, somos sabedores de que há uma grande tendência sazonal dos trabalhos na agricultura e, conseqüentemente, na contratação de trabalhadores devido à especificidade de culturas, a reduzida mão-de-obra familiar e a opção de muitos autóctones em preferir trabalhar nas indústrias vizinhas ao seu local de habitação.

A grande maioria acha que, pelo fato de não estarem fazendo na Itália o que faziam no Brasil, no retorno também não farão o que fazem na Itália. Ninguém que é garçom na Itália se imagina exercendo a profissão no Brasil; o mesmo vale para as domésticas, para os que trabalham na agricultura e nos aviários.

Aliás, não encontramos nenhum que tenha afirmado desejo de permanecer na atividade.

Há um desejo explícito em ser microempreendedor no espaço de proveniência, numa cidade maior (a cidade de Curitiba é muito mencionada pelos paranaenses, Joaçaba e Chapecó para os catarinenses; Caxias do Sul e Farroupilha para gaúchos); investem em gado no Brasil, muitos, em imóveis "para alugar", outros, em restaurantes "aproveitando o que aprendi aqui", porém, em geral, o desejo de investimento é sempre no espaço de origem, nas descobertas de nichos de mercado e/ou de atividades que, com certo desembolso inicial, são passíveis de rentabilidade satisfatória.

A língua é outro dos grandes limites expressos pelos entrevistados; apenas 17% emigraram afirmando haver certo domínio, ainda que dialetal da língua italiana, 58% não sabiam quase nada, mas, parte desses, afirmou que, mesmo não falando, entendiam o idioma razoavelmente; desses, 87% afirmaram não terem tido grande problema nesse enfrentamento.

Imigrantes imaginam e são informados que o sentir-se italiano por ser descendente ainda que de gerações distantes, a confiança no saber dialetal, na capacidade de comunicação e na consciência de que basta a vontade de trabalho (que os caracteriza como italianos) sejam suficientes para se inserir e "se dar bem na Itália".

A remuneração do trabalho, em comparação ao que se apresenta no Brasil, para praticamente todos os imigrantes, é o grande fator de atração; é o elemento motivador e compensador do "tanto que a gente se quebra e se judia aqui". A intencionalidade de fundo é a dimensão econômica da permanência e do retorno. Uma imigrante fez o seguinte comentário:

*vim com a vontade de trabalhar e porque era descendente de Vêneto, mas depois vi que aqui isso não te dá vantagem nenhuma. [...] Não desisti porque tinha gasto tudo o que tinha para chegar até aqui, e alguns conhecidos que tinha que tavam aqui me disseram que era assim mesmo no início e que depois melhoraria. [...] O problema é que você fica sem saber o que fazer: achar serviço sem documento é super difícil e ganha pouco, esperar se fica aqui gastando o pouco que ainda se tem. [...] Se a sorte te ajudar ainda vai. Eu contei muito com isso. Hoje, graças a Deus, sei como funciona e, não desejo que ninguém passe o que passei, porque você já deve saber, alguém já lhe disse, que quando tu tá na pior, todo mundo se esconde de ti, os amigos brasileiros te desconhecem. Aqui é assim.<sup>3</sup>*

Vimos que imigrantes brasileiros há um tempo localizados no país hospedeiro exercem uma grande influência sobre os sucessivos desenvolvimentos do processo, servindo como ponte, interligação e cadeia. No campo dos negócios étnicos, o papel das redes de co-nacionais é muito importante; expressam-se em muito na dimensão do gênero masculino, revelando, com isso, certa cultura social de que o homem é o provedor econômico, o

qual foi socializado e exigido para tanto. Outra característica é que, além de masculinas, são comumente jovens, talvez por serem também a maior expressão da faixa etária migratória.

Praticamente todos nos informaram que vivem num horizonte de angústias e incertezas em vários âmbitos, sendo o trabalho, a moradia e a saúde as mais intensas. Já quando partiram, incorporaram incertezas de sobrevivência, de remuneração suficiente, de tensões e de enfermidades de ordem física, de falta de trabalho, de cidadania e de dificuldade de inclusão. Ao chegar, algumas angústias se diluem e outras surgem e/ou se tornam ainda mais complexas se comparadas às já existentes: de ter abandonado alguém, de ter deixado responsabilidades e redes afetivas, de sujeição a realizar trabalhos de baixa qualificação e reconhecimento social, de sofrer doenças, de demissões, de deportações, de morte de alguém no espaço de origem, de não encontrar trabalho, de moradia, de amigos, de socializar, de língua/comunicação verbal, de redução da vida ao trabalho, da condição de temporário, da incerteza de encontrar no novo país o que não realizou no de origem, de estar disposto a *jogar*, a fazer valer-tudo, de ser uma mão-de-obra genérica que mais executa do que qualifica e inventa, de longas jornadas, de trabalho braçal, de pouco ou nada de lazer etc.

Há muitos brasileiros irregulares e/ou indocumentados. Para esses, a realidade é muito complexa e perigosa; vivem na berlinda: desejam permanecer no país e utilizam de todas as formas para assim o fazer, porém sabem que estão/são excluídos de direitos, são desvalorizados, não podem se opor e nem reclamar de sua situação no espaço de trabalho e de cidadania social e política; sabem que há um conjunto de fronteiras que lhes são fechadas.

Alterações culturais são exigidas de muitos para fazer frente e se adaptar às situações de trabalho e de vida social. Essas realidades estão escondidas, pouco explícitas enquanto expressão das formas variadas e das artimanhas para o sustento. Há um mundo vivido que não é expresso para os seus familiares, nem amigos, nem parentes em cartas e em contatos telefônicos. Não é incomum brasileiros dormirem em *monolocales* (quitinetes) que não dão para mais de quatro pessoas, estarem ao redor de dez, dormirem em baixo da mesa, em camas de casal todos juntos.

Os imigrantes têm dificuldades de socializar, de viver em comunidade. O tempo livre que, em tese, poderia promover algum aspecto mais integrativo, é, em geral, desmoralizado pelo imigrante, pois está na contramão de seus sonhos e desejos, que é conquistar poupança e ganhos para retornar bem-sucedido. O tempo livre é um tempo de desgosto, de gastos subversivos, que não contribui para compensar perdas e privações para si e no espaço de origem. Trabalhar sempre passa a ser um desejo, um desafio, uma compensação, uma obrigação, uma válvula de escape em relação à saudade e à tristeza.

Esse pragmatismo do tempo em relação ao trabalho, implica abrir mão de um conjunto de elementos em vários cam-

<sup>3</sup> Depoimento de brasileiro, 26 anos, solteiro, filho de agricultores de Pato Branco. Trabalha no Frigorífico AIA de Verona. Está na Itália há 4 anos; emigrou por intermédio e influência de conterrâneos bem como de canais de intercâmbio promovidos pelo campo político e interregional.

pos, mas principalmente os da sociabilidade, da afetividade e da solidariedade, ainda que se saiba que o imigrante é um ser de fragilidade, por isso a necessidade de solidariedade lhe é quase que inerente. Muitas redes que se constituem lhe dão suporte nesse sentido. Muitos competem entre si e possuem códigos de ética preestabelecidos, e quando um indivíduo rompe com um grupo por conflitos diversos, é possível que se estabeleça em outro; desenvolvem-se idéias de competição e de perseguição em meio às redes de solidariedade (Ramos, 2003).

As redes como laços sociais que ligam comunidades de origem a pontos de destinos específicos, coligam migrantes e não migrantes numa complexa teia de papéis sociais complementares e de relacionamento interpessoais; utilizam capital social, cujos benefícios circulam por meio das redes sociais principalmente pelas redes de parentesco e amizade (Fusco, 2001).

Os espaços em que há maior número de "conhecidos", sejam familiares, amigos, vizinhos e parentes, tendem a fortalecer e acelerar a formação de redes. Ter essa condição de produzir contatos com parentes, amigos e conterrâneos, de certa forma, facilita-lhes alguns aspectos considerados críticos no cenário migratório, em especial, horizontes afetivos, de trabalho, de aluguel, de auxílio financeiro para ir e permanecer no espaço de destino, de cuidar de filhos, até de montagem de empresas prestadoras de serviço. Há muitas dessas na região do Vêneto, grande parte efetivadas por conterrâneos e/ou parentes, como também entre familiares.

As redes sociais assim como se constituem e se dinamizam também migram; laços e trocas, dádivas e dívidas recortam territórios; funcionam como nós interligados por horizontes de múltiplas dimensões e se fortalecem em razão de demandas, ausências, distâncias, não integração entre imigrantes. A natureza dos vínculos vai lhe dando importância e corporeidade.

*Aqui tu viu que andamos meio que juntos com o pessoal da região, né. Um veio primeiro, convenceu o outro, nós chamamos algum familiar, eu mesmo tô esperando o pai pra me ajudar na construção. Ele vindo pra cá, em dois anos juntamos dinheiro e vamos embora. [...] Um vem de um lugar e em pouco tempo esvazia o lugar lá e enche aqui. De Pato Branco, Água Doce, Urussunga, Ponta Grossa, Dois Vizinhos, Cascavel, lá de gaúcho vem de muitas cidades lá da região dos gringos. É assim, de uma hora pra outra as pessoas decidem e vem e, tu pode ver, são tudo novo, por isso deixa a família e é mais fácil de vir, né. Só de Pato Branco se sabe que tem mais de dois mil só em Verona; em Treviso tem muitos e Catarina [Santa Catarina], em Belluno dizem que tem muitos lá do Sul [Rio Grande do Sul] (Vulgo "Nego", 28 anos, Dois Vizinhos, SC, há 3 anos em Verona e Vicenza).*

Essas redes sociais e territoriais se fortalecem com o agrupamento regional e de descendência; irmanam-se pelas objetividades comuns e intenções que se entrecruzam.

A migração é um processo que não está desvinculado da sociedade hospedeira, de seus sistemas de acolhimento, de seus atores coletivos (Estado, Igreja, sindicatos, famílias, redes assistenciais informais, ONGs etc.), de suas associações, de seus

recursos culturais e de memória social e individual (Soares, 2002; Patarra, 1995).

Em Igrejas, por exemplo, tanto católicas quanto evangélicas, após rituais religiosos desenvolvidos especificamente para grupos étnicos, em geral mensais, há festas mais institucionalizadas, "festas do Brasil" com ritmos, culinária, apresentação em geral de capoeira, samba (diz um brasileiro que servem "para muitos brasileiros lucrarem"), atraem outras nacionalidades; os ritmos musicais em geral são do eixo Bahia-Rio de Janeiro. Nesses momentos, a *cultura brasileira* incorpora capital simbólico de identificação de alteridade num horizonte multiétnico e multicultural. Os momentos festivos mais organizados atraem grupos latino-americanos em maior expressão. É nesses encontros *com os seus* e *com os outros* que brasileiros, em seu caráter relacional e regional, reafirmam sua identificação de povo alegre e simpático, festeiro, acolhedor e solidário.

Não podemos deixar de mencionar o fato que existem muitas dificuldades de convivência, conflitos no cotidiano (esse certo grau de aproximação de conterrâneos expressa essa probabilidade conflitual), as migrações de pessoas de um apartamento/casa a outro/a é muito intenso em razão justamente dos limites, precarizações no/do espaço de habitação, falta de integração e de possibilidade de interação etc. Aqui os casos a relatar seriam infindáveis!

## Enfim...

Vimos que, no mundo contemporâneo, a migração converteu-se em um projeto de vida para muitas pessoas. No caso brasileiro, não é incomum essa percepção da migração como alternativa de sobrevivência e ascensão social. A possibilidade de enviar remessas, mobilidade social e econômica, novas aprendizagens e experiências, *status* social no local de destino, dentre outros aspectos de ordem subjetiva, motivam o horizonte da migração internacional no cotidiano de populações.

Nesse horizonte da identidade e dos vínculos sociais na sociedade de destino, desenvolvem-se representações e identificações, quando não estigmas do imigrante em torno do problema da ilegalidade, da etnicização, da criminalidade, da identidade confusa e ambígua, da interculturalidade incipiente, de mudanças culturais e afetivas entre indivíduos e grupos, de necessidades e exclusão, de mimetismos sociais, de indocumentados, os estabelecidos e os de fora.

Formas velhas de exploração da força de trabalho (informalidade, temporário, sem regulamentação...), o sonho da mobilidade social, de estratégias de sobrevivência etc, estão presentes e cada vez mais atualizadas em espaços onde, em tese, presumem-se conquistas sociais e modernização jurídica e de reconhecimento social.

Muitos vêm as migrações apenas como processo de deslocalização da capacidade produtiva como força de trabalho. Todavia, a migração produz contemporaneamente produtores e consumidores. A migração de um país pobre para um país rico ou

de uma região pobre para uma rica comporta nessa última não só um aumento da oferta de trabalho, mas também um aumento da demanda de trabalho por parte das empresas que produzem esses bens e serviços. Capacidade de produção e de consumo é consequência econômica da dupla deslocação populacional (Landuca, 1995). Muitos gestores de políticas públicas não se dão conta de que a dificuldade de integração social, econômica e cidadã dos imigrantes faz com os mesmos desenvolvam atividades e negócios étnicos, criando guetos de comércio, redes de importação de produtos, em geral, pelo mercado informal do comércio e das redes internacionais, além de estruturar mecanismos de envio e investimentos de recursos obtidos e gerados internamente nos países de origem.

Parece-nos claro que a imigração só suscita interesse quando se apresenta como emergência social ou como problema de ordem pública. Emigração econômica e emigração política se entrecruzam freqüentemente sem se distinguir pelos milhões de pessoas que procuram trabalho e melhores condições de vida. Comumente, a dimensão política do processo migratório tende a ser alarmista; a econômica tende a ser mais funcional, mais instrumental e, portanto, mais silenciosa e mais eficaz.

Os movimentos que estão ocorrendo em Paris e em várias outras cidades da Europa devem fazer repensar ações mais inteligentes no campo da integração e da assimilação, pois as de cunho repressivo e de alarmismo já se mostraram ineficientes.

Sabemos que as culturas não são estáticas, definitivas e nem paradigmáticas, ainda mais num mundo que muda muito e numa sociedade cada vez mais multicultural e multirracial. Desse modo, o problema cultural hoje não ocorre só no âmbito instrumental da língua, mas é o alargamento dos contatos, das ocasiões de comunicação e das experiências em comum, da solidariedade mais ampla, superando separações e divisões.

## Referências

- ANNUARIO STATISTICO. 2006. Comune di Verona. Serie IV, n. 18.2.
- BACCI, M.L. 2007. *L'incidenza economica dell'immigrazione*. Torino, Gaipichelli Editore.
- BERTAGNA, F.; CLAYTON, M.M. 2007. In: K.J. BADE; P.C. EMMER; E. LUCASSEN; J. OLTMER, (org.), *Enzyklopaedie Migration in Europa*. Zurich, Wien, p. 205-219.
- BONINCONTRO, G. 2008. Estrangeiros já são 4 milhões. *La Repubblica*. Roma, 3 mar., p. 27.
- BORDIGNON, F.; CECCARINI, L. 2007. Gli altri tra noi. *Limes. Rivista Italiana di Geopolitica*, 4:35-45.
- CARITAS - ROMA. 2007. *Immigrazione.Rapporto*. Roma, Edizioni Idos.
- CASTILLIO, M.A. 2003. *Migraciones en el hemisfério. Consecuencias y relación com las políticas sociales*. Santiago de Chile, Cepal, 40 p.
- DIAMANTI, I. 1993. *La Lega. Geografia, storia e sociologia di un nuovo soggetto*. Roma, Donzelli, 127 p.
- DIÁRIO DO GRANDE ABC. 2008. *Brasileiros barrados em aeroportos da Europa*. março.
- DOSSIER STATISTICO. 2006. *Rapporto Imigrazione*. Roma, Istat.
- DOSSIER STATISTICO. 2007. *Rapporto Imigrazione*. Roma, Istat.
- EINAUDI, L. 2007. *Le politiche dell'immigrazione in Italia dall'Unità a oggi*. Roma-Bari, Laterza, 433 p.
- FARAH, I. A.; RIGHETTI, C. 2008. Integração difícil no Nordeste produtivo. *Jornal Metropoli*. Roma, 3 de fev., p. 12.
- FUSCO, W. 2001. Redes sociais nas migrações entre Governador Valadares e os Estados Unidos. In: N. PATARRA (org.), *Migrações Internacionais, contribuições para políticas*. Brasília, CNPD, p. 427-445.
- HABERMAS, J. 2001. *A constelação pós-nacional. Ensaios políticos*. São Paulo, Littera Mundi, 220 p.
- KAWAMURA, L. 2003. *Para onde vão os brasileiros? Imigrantes brasileiros no Japão*. Campinas, Unicamp, 240 p.
- LANDUCA, G. 1995. Crescita economica, teoria (neo)classica e flussi migratori. In: A.G. BELESCHI, *Cittadinanza Europea e extracomunitari*. Padova, Cedam, p. 159-170.
- LEGA NORD. 2006. Documento da Lega Norte do Veneto. Milão.
- MACHADO I.J.R. (org.). 2006. *Um mar de identidades. A imigração brasileira em Portugal*. São Carlos, Edufscar, 324 p.
- MARTINE, G. 2005. A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. *Revista São Paulo em Perspectiva*, 19(3):3-22.
- MUSCARÀ, L. 2007. Il mondo in diaspora. *Limes. Rivista Italiana di Geopolitica*, 4:63-74.
- NIEM. 2007. Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios. Rio de Janeiro, 26 de mar.
- PATARRA, N.L. 1995. *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. Campinas, FNUAP, vol. 1, 276 p.
- PATARRA, N.L. 2006. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. *Revista Estudos Avançados*, 20(57):7-24.
- POLETTI, I. 2006. Migração - direito ou subversão? *Revista REMHU*, 14(26-27):7-22.
- RAMOS, S.P. 2003. *Hospitalidade e migrações internacionais: o bem receber e o ser bem recebido*. São Paulo, Aleph, 196 p.
- SANFILIPPO, M. 2003. *Problemi di storiografia dell'emigrazione italiana*. Viterbo, Settecittà.
- SOARES, W. 2002. *Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga*. Belo Horizonte, MG. Tese de Doutorado. UFMG, 344 p.
- STELLA, G.A. 2002. *L'orda. Quando gli albanesi eravamo noi*. Milano, Rizzoli, 277 p.
- TEDESCO, J.C. 2006. *Imigração e integração cultural: interfaces. Brasileiros na região do Vêneto - Itália*. Passo Fundo/Santa Cruz do Sul, UPF Editora/Eduinisc, 311 p.
- ZERO HORA. 2008a. *Emigração: CPI aprovou o relatório final*. Porto Alegre, 8 de mar., p. 17.
- ZERO HORA. 2008b. *UE aprova leis mais rígidas contra ilegais*. Porto Alegre, 11 de mar., p. 23.
- ZINCONI, G. 2006. *Familismo legale. Come (non) diventare italiani*. Roma, Laterza, 90 p.

Submetido em: 30/04/2008

Aceito em: 25/05/2008